

DICK FARNEY

O SOM DE SEMPRE

São Paulo (Sucursal) — Na boate à meia-luz, um piano e a voz macia do cantor que interpreta uma canção de amor. Com seus cabelos prateados e o jeito de galã, Dick Farney está voltando. E talvez com ele esteja retornando toda uma época, o tempo do romantismo. No Chez Regine, muita gente, de várias idades, canta com ele algumas de suas músicas famosas (*Marina, Copacabana, Alguém como Tu* e outras).

A boate, na Rua Santa Isabel, no Centro, recebe uma média de 50 pessoas, menos aos domingos, quando fecha para o descanso de todos. No íntimo, Dick se considera um dos últimos românticos, mas faz questão de citar Tito Madi e Lúcio Alves e acha que depois de ter feito *Alegria, Alegria*, Caetano Veloso só tem apelado. Mais: que o público atualmente só gosta de coisa boa, realmente boa, por isso algumas músicas de antigamente estão voltando.

Confessa ser um carioca de Santa Teresa, e explica que se acostumou a morar em São Paulo, onde está há 14 anos, por que viveu dois anos em Nova Iorque, mas se tivesse permanecido o mesmo tempo em Miami, logicamente estaria no Rio. "Troquei o concreto pelo concreto. Em Nova Iorque quase não se tem tempo nem para fazer a barba, mas é onde se come e mora bem, igual a São Paulo e a vida é mais barata aqui do que no Rio."

Aqui no Chez Regine temos a juventude dos 20 aos 60 anos. Eles conhecem as músicas que gravei há muito tempo, porque são músicas que marcaram muito e o povo quer cantar. Sinto que hoje não existam mais músicas para o povo cantarolar por aí. Há música para o pseudo-artista interpretar naquele momento, na televisão, e *ciao*, morreu ali, ninguém mais a canta e se esquece da letra. Acho um erro dos compositores atuais, que só pensam no momento. Tem-se de fazer música para o povo. Você sai do escritório, liga o rádio do carro, quer cantar junto e não pode. Modéstia à parte, não é o caso de minhas melodias, porque garanto que você canta e sabe as letras e músicas, para sair assobiando pelas ruas.

DETURPAÇÃO DA MÚSICA

Aos 50 anos, um pouco revoltado, Dick Farney diz ser contra o que está acontecendo com a música brasileira. "Uma deturpação geral. Se continuar dessa maneira, nunca mais teremos um som *bacana*, bonito, uma coisa feita com base, como antigamente. Para mim, compositores de verdade são Baden Powell, Edu Lobo, Luís Bonfá, Tom Jobim e Marcos Vale. Só fazem música boa. Não tem coisa feia com eles. Podem fazer 20 músicas, são todas bonitas. Enquanto, atualmente, os pseudocompositores modernos fazem 20 por-

espetacular para vender 5 milhões de *long plays*, juro que não quero. Acho isso uma prostituição musical.

Não tem preferência por qualquer das músicas que interpreta. "O problema é mais musical, uma questão de acordes, colocação de voz e de determinada nota. Existem melodias gostosas de se cantar. Comecei a cantar na época de Bing Crosby, que era o meu ídolo. Aliás Sinatra também adorava o Bing. Diziam que eu era um Bing Crosby brasileiro e que deturpei a música nacional. Achava tão *bacana* seu jeito de cantar que resolvi fazer isto com nossa música e foi esse o meu sucesso. Resolvi fazer uma coisa romântica que uma pessoa poderia cantar no ouvido da namorada. Foi isso que pegou."

— Tenho orgulho de nunca ter gravado uma música de que não gostasse. É uma boa lembrança de toda minha carreira artística. Poucas vezes fui procurado por gente que desejava ouvir melodias que eu não interpretava. O artista impondo, as pessoas já sabem o que ele canta, conhecem o repertório. No meu espetáculo no Chez Regine estou vendo amigos e conhecidos de 12 anos atrás, que frequentavam o Claridge, na Avenida Nove de Julho. Hoje, são quase avós. Naquela época eram solteiros. Sempre fiz um fundo musical para alguém. Para juntar namorados, separar ou para casar. É gostoso isto, sempre fiz parte de algum romance sem saber.

QUESTÃO DE GOSTO

Dick Farney inicia seu espetáculo no Chez Regine às 21h30m, mas sempre chega cedo, para verificar se tudo está em ordem. Diz ter sentido a volta da música romântica, através da aceitação que seu *long play Penumbra* está tendo.

"A faixa que fiz com o Lúcio Alves foi muito bem aceita. O pessoal que vem à boate pede para cantar e canta junto. Mas eu não sou o responsável pela volta do romantismo, o Tito Madí também está aparecendo bem como uma regravação. Outra é a Dóris Monteiro. O que vejo nisso tudo é que o pessoal quer ouvir boa música e a minha mágoa é que a televisão não mostra boa música, só *chanchadas*. Tentam impingir melodias que não são norte-americanas, cubanas ou coisa alguma. O meio-termo eu acho horrível, porque ou é ou não é. Ou é samba romântico ou bossa nova. Não sou contra a pesquisa da música moderna. Sou até totalmente a favor, mas o exagero é que não suporto."

— Não há gente que possa ser considerada *quadrada*, apenas porque gosta da música romântica. Não existe o *quadrado*. O que existe é gente que gosta de coisa boa. Se fosse ao contrário, Shakespeare, no teatro e Rembrandt, na pintura, seriam horrorosos. Tem muita gente que, para não ficar para trás, *apela* e começa a chamar determinadas pessoas de saudosistas.

Dick sempre gostou de jazz e sua opinião é a de que esse tipo de música evolui a cada dia que passa. "Chegou a um ponto que pode mesclar com o clássico. Gosto do Bill Evans, Oscar Peterson e Dave Brubeck, que lançou um estilo novo, que é a divisão de compassos compostos como o 3/4, 6/8 e 5/4. Lançou e outros se aproveitaram. Engraçado, quando tivemos a fase mais linda da música brasileira, a bossa nova, surgiram lindas melodias, com arranjos maravilhosos. Apareceram vários violonistas tocando bem. Nós perdemos tudo isto, mas o norte-americano ficou com ela."

Ele acha também que agora "não há trabalho para o número enorme de musicistas que existem. Depois que apareceu o *iê-iê-iê* todo mundo é cantor e músico. E' a terra do *gênio*, todo mundo é *gênio*, do dia para a noite. A maioria só sabe fazer o primeiro e o segundo acorde no violão, mas existem os aparelhos, tudo eletrônico. Digo sempre: o dia que acabar a eletricidade, ninguém mais toca."

ÚLTIMO DOS ROMÂNTICOS

— Não sei se sou o último dos românticos. Nunca liguei para ficar em dia com o público e me senti desolado quando começaram a aparecer músicas diferentes do meu estilo. Creio que não vou mudar nunca. Acho que a gente deve ter uma personalidade e lutar para sua preservação. Se você disser: "Dick, você vai gravar um *iê-iê-iê*"

LANÇADOR DE MÚSICAS

Faz questão de explicar que nunca cantou músicas suas, mas sempre lançou as de outros compositores e já está estudando algumas para o seu novo disco; talvez até inclua *Lady Is a Tramp*, que os frequentadores de boate pedem muito.

— Ser compositor é um dom. Tem gente que é grande pianista, cantor, mas não tem qualidades para ser um compositor. Tenho músicas minhas, que não apresento porque não considero boas. Devo o meu sucesso ao João de Barro, o Braguinha, que me deu *Copacabana* e *Saudade Mata a Gente*. Depois, à dupla José Maria de Abreu e Jair Amorim, com *Alguém como Tu, Sempre Teu, Um Cantinho para Você* e outras. Estou bem hoje, creio que até poderia parar, mas gosto muito de tocar, por isso formei um trio com o Sabá, ao contrabaixo, e Toninho, na bateria.

Sou carioca e moro em São Paulo, mas entre o público paulista e o do Rio, o carioca tem um ponto acima. E' mais requintado. Não aceita música ruim, talvez porque lá seja a terra do samba, onde estão os melhores compositores. Aqui em São Paulo tem uma coisa espetacular: o público prestigia o artista. Se eu ficar sem tocar durante um ano, numa boate ou televisão, serei sempre como se estivesse em evidência. Nunca esquecem o artista.